

# Design ativista: fazer “para” e “com” a comunidade

O design e a arquitetura são também ferramentas de inclusão social e transformação urbana. Existem diversos projetos colaborativos a demonstrá-lo. A ideia é intervir em pequena escala, envolvendo as comunidades nas várias fases do processo, sem perder de vista a sustentabilidade.

# A

associação Saber Compreender, que apoia a população sem-abrigo, no Porto, conta desde o início de julho com a sua primeira sede, na rua de Cervantes. O espaço está mobilado com oito estantes de três metros, duas mesas, 18 bancos — e há ainda uma estrutura de madeira reciclada a permitir a ocupação do terraço. Tudo pensado ao pormenor, de forma colaborativa, com design personalizado e construído numa carpintaria improvisada pelos vários atores da associação, incluindo alguns utentes.

A iniciativa Habitar 424 surgiu no âmbito da Porto Biennale Design 21, tendo envolvido dois coletivos de design: o Assemble Studio, com sede em Londres, e o El Warcha Lisboa. Tratou-se de um projeto de intervenção, com uma finalidade bem definida — equipar a sede da associação —, mas foi bem mais do que isso. Implicou reuniões de “brainstorming” para perceber as reais necessidades da associação, “workshops” abertos à comunidade, um de carpintaria e outro de tingimento de tecidos com pigmentos naturais; e atividades, como um passeio pelo Porto, guiado pelo presidente da Saber Compreender, o romeno Christian Georgescu, que passou pela condição de sem-abrigo à chegada a Portugal. Como em qualquer projeto de design colaborativo, o processo foi tão ou mais significativo que o resultado — e isso sobressai na “fan-zine” e no mímidocumentário feito com todos os envolvidos.

“Trabalhámos com duas pessoas entre os 50 e 60 anos que nos disseram que o projeto as fez ‘sentirem-se úteis’ e foi importante poder contar com ‘a experiência de um antigo carpinteiro, que acabou por dar formação às outras pessoas”, diz Inês Marques, designer e responsável do El Warcha Lisboa. E conta mais: “A maneira como uma das pessoas tingia os tecidos foi muito reveladora da sua sensibilidade”, explica, sublinhando que são pe-

quenas descobertas como esta que abrem portas à continuidade das relações estabelecidas. Inês fez-se acompanhar de uma pessoa que mora em Lisboa, no Centro de Acolhimento Temporário do Exército da Salvação, e que já tinha participado noutros projetos do coletivo, em Lisboa — e revela existir abertura da parte da associação para organizar outros “workshops” de tingimento de tecidos, possivelmente dados pela tal pessoa que se fez notar pelas “opiniões muito fortes sobre as cores” e pelo forte sentido estético.

## DE DENTRO PARA FORA

Inês Marques criou o El Warcha Lisboa, em 2018, já depois de ter trabalhado nos projetos El Warcha (palavra árabe para “workshop”), na Tunísia e em Londres. Está ligada à dinamização de uma oficina comunitária, em Almada, onde se fazem trabalhos de carpintaria e serigrafia, e tem estado envolvida em parcerias e iniciativas como os festivais “Cozinha à Roda” ou o “Cine à Roda”. Designer, enveredou cedo pelos caminhos do design social e da sustentabilidade. Em projetos como o Habitar 424, explica, “o objeto não tem de ser um objeto perfeito. Ele é o produto final de todo um processo de socialização, de colaboração”. Por isso é tão importante, quer esteja em causa uma peça de teatro ou a construção de mobiliário, que as pessoas estejam em todas as fases, da conceptualização e produção à apresentação do objeto. “Eu faço os desenhos, mas mais para materializar as ideias.” A relação que se estabelece é sempre horizontal e, “no final, as pessoas têm de sentir que o seu trabalho é valorizado”.

É factual que “a interajuda comunitária existiu desde sempre”, como sublinha Inês Marques, e que a ideia de envolver pro-



**“Em Portugal, têm aparecido imensos coletivos, há muitos projetos novos virados para a inclusão social, para a sustentabilidade e ainda bem. São respostas paralelas, para os problemas a que o sistema não pode responder”, comenta Inês Marques, designer e responsável do El Warcha Lisboa.**

fissionais de áreas como a arquitetura com as comunidades também não é nova. Veja-se o famoso Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL), projeto de habitação social nascido em Portugal nos anos 1970, no rescaldo da revolução, e com forte envolvimento da população. Ou a mais contemporânea ideia das “casas pela metade” que Alejandro Aravena implementou na famosa Villa Verde, bairro edificado em Constitución, no Chile, na sequência do terremoto de 2010 — um projeto de design participativo que culminou na construção de casas de 40 metros quadrados, propositadamente “inacabadas”, desenhadas de forma a permitir ampliações futuras, feitas pelas próprias famílias.

Nos últimos anos surgiu porém um “boom” de projetos relacionados com o design que, a par com as artes e a arquitetura, acabou por se impor neste campo. “Em Portugal têm aparecido imensos coletivos, há muitos projetos novos virados para a inclusão social, para a sustentabilidade e ainda bem. São respostas paralelas, para os problemas a que o sistema não pode responder”, comenta Inês Marques.

#### ATIVISMO SOCIAL

Quando se fala em utilizar o design para inovação social e metodologias colaborativas, o projeto “A avó veio trabalhar”, fundado por Ângelo Compota e Susana António em 2014, surge como um exemplo de sucesso. A iniciativa, criada com o objetivo de promover a intergeracionalidade, cresceu com a dinamização de “workshops” e

atividades relacionadas com o tricô, os bordados ou a costura, envolvendo hoje mais de 70 idosas.

Mas há também outras experiências positivas, mais relacionadas com aquilo a que Tiago Castro, gestor cultural, urbanista e investigador em Sociologia do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, chama “regeneração ou transformação urbana”.

Nos últimos dez anos, o fenómeno tem crescido por variadíssimas razões, que vão do surgimento dos orçamentos participativos, nos anos 2000, à multiplicação dos projetos de inovação social da década seguinte, passando pela crescente valorização de conceitos como arte urbana ou arquitetura efêmera.

O fundador da ONG 4iS — Plataforma de Inovação Social tem estado envolvido em vários projetos do género. A tarefa de “vestir vazios urbanos”, a que se dedicou no âmbito do projeto VivaCidade, em 2013, levou-o à transformação de uma zona altamente degradada e insegura num espaço de jardim, que os moradores da zona ainda hoje elogiam — e este é só o primeiro de muitos exemplos marcantes. “Convidamos artistas ou coletivos para trabalhar em conjunto e a determinada altura envolvemos a comunidade, previamente ativada por nós.” “Há uma lógica de capacitação das pessoas” que acumula vantagens com a “apropriação do espaço público”, explica. O futuro passa, com certeza, pelo aprofundar de conceitos como o design colaborativo e a inovação social, acredita, “com disseminação de ideias e a tendência para projetos cada vez mais longos, complexos e sustentáveis”. w